

Geraldo ou Sebastião?

J. Roberto Whitaker Penteado

Conferido o horário eleitoral gratuito, os que esperavam uma grande reviravolta nas intenções de voto em favor dos oponentes do presidente Lula ficaram decepcionados. Lula parece mais reeleito do que nunca e mantidas as tendências não precisará enfrentar os adversários num debate público, em que certamente se veria em situação de desvantagem.

A única mudança perceptível na estratégia de comunicação do candidato do PSDB parece ter sido a adoção do prenome Geraldo, para substituir o sobrenome de grafia complicada e pronúncia incerta. É pouco e também é discutível. No passado, os dois Ks no sobrenome (Geraldo Alckmin possui apenas um) não comprometeram a enorme popularidade de Juscelino Kubitschek. Camuflado como Juscelino de Oliveira, talvez não tivesse ganho a eleição.

Também no discurso, os estrategistas do novo Geraldo parecem ter optado pela direção da corrente populista que caracteriza as falas de Lula, Heloisa Helena e Cristóvão Buarque, este último com participação insignificante. Mais cestas básicas, mais empregos, mais assistencialismo e paternalismo do Estado. Nada sobre corrupção e desonestidade; pouco sobre segurança e criminalidade, a não ser o simplismo de tratar com rigor os bandidos que já estão na cadeia e não gozam de proteção oficial.

Em marketing, essa tática é conhecida como "me-too": um produto copia o líder e vende mais barato, contentando-se com uma parcela menor do mercado, que também é lucrativa. Mas, para eleição não serve, pois nada sobra para o segundo ou terceiro lugares.

Tenho certeza de que os profissionais que assessoram Alckmin sabem disso. Mas estão diante do dilema recorrente nas eleições majoritárias no país e que foi quase dramatizado na edição da revista VEJA de 16.8.2006, cuja capa ostentou a imagem de Gilmara Cerqueira, uma eleitora nordestina, negra, de 25 anos, educação média e salário de 450 reais, alertando: "Ela pode decidir a eleição". Embora a reportagem tenha focado a imensa vantagem de Lula no nordeste, nas pesquisas, e o voto feminino, o problema é nacional. São esses eleitores de ambos os sexos a maioria dos quais não sabem o que é mensalão ou sanguessugas, muito menos das intrigas palacianas do partido do governo e mal ouviram falar de Alckmin ou do Geraldo que elegem os incumbentes do executivo, em todos os níveis. Isso também se deve, em proporção alarmante, ao fato de o voto ser obrigatório.

Um perfil sociopsicológico mais apurado mostraria, ainda, que na ótica desse segmento popular, de boa índole, pouca instrução e nenhuma capacidade de análise crítica os problemas são simples e bipolares é fazer isso ou aquilo e as decisões são tomadas por gente poderosa, "lá em cima". Trata-se da nossa versão tropical do sebastianismo luso, temperada por quatro séculos de servidão escrava. Um fórmula permanentemente perigosa, muitas vezes fatal.

Para quem vai eleger o próximo presidente, o providencial e salvador D. Sebastião, que se avizinha, no horizonte, chama-se Lula e não Geraldo.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=165&ID=351>>.
Acesso em: 4 ago. 2009